

o Comunista

SEMANARIO—Orgão do Partido Comunista Português



EDITOR—José Rodrigues

REDACÇÃO ADMINISTRACÃO

R. do Arco da Marquês, Alameda, 30, 2.ª, P. — LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL
MANUEL RIBEIRO

Propriedade do Grupo Editor O Comunista

ADMINISTRADOR—Nascimento Cunha
SECRETARIO—Castano de Souza

COMPOSTO E IMPRESSO—Rua do Seculo, 150 — LISBOA

NOVOS HORIZONTES

O Partido Comunista que, mais d'uma vez revolucionário e de militantes sindicais fundou há pouco, intérprete dum estado de consciência colectivo, está longe de se uma dissidência nos antigos elementos combativos do operariado e muito menos uma abdicação no campo das ideias e dos princípios.

Não há ideias nem princípios imutáveis, mas reflexos cambiantes do estado social em perpetua evolução. Os que estudam e acompanham os movimentos sociais reconhecem esta verdade, e os que deles pretendem participar têm de moldar-se às circunstâncias criadas se querem fazer obra útil e progressiva.

O sindicalismo não foi mais do que uma nova modalidade de luta resultante de novas condições impostas pelo industrialismo à classe operária. Os teóricos revolucionários procuraram então um campo de acção mais vasto nas massas trabalhadoras e arquitetaram as suas novas concepções de reorganização da sociedade. A teoria da Revolução social pela greve geral revolucionária como Georges Sorel a imaginou, passou contudo dum lado muito, porque a sindicalização das classes o progrediu como se esperava e as lutas sindicais não atingiram a unidade que fizesse delas o fulcro exclusivo de todas as preocupações politico-sociais. As greves começaram a ser facilmente liquidadas e os conflitos do trabalho não se generalizaram nunca em reivindicações dum amplo carácter social, mantendo-se sempre dentro dum estreito egoísmo de classe. A luta sindical e a greve começaram mesmo a ser, depois da guerra, um objecto de especulação capitalista, quando não se chegou mesmo à cumplicidade imoral de operários e patrões.

Quer isto dizer que o sindicalismo esteja em falência? De modo nenhum; o que os factos obrigam a reconhecer é a sua impotência revolucionária, é a sua falta de idealismo. E sem idealismo, não há fé, não há entusiasmo, não há revolução.

O conteúdo do sindicalismo foi uma grande esperança na alma operária e uma das mais belas teorias da sociedade futura. Quando ele começou a desenvolver-se, fez-se o possível para arrancá-lo dos limites fechados do corporativismo. Alargaram-no, para o emancipar, num torço de doutrina original e criaram-lhe uma subestrutura idealista própria com valores filosóficos, estéticos e morais — para que os dispensasse das outras escolas.

Disse-se ao operário: vê na greve não somente o lado interesseiro o teu bem estar material, mas sobretudo o gesto de rebeldia, de insubmissão e de repulsa moral contra o salário e contra o Estado. Mas o egoísmo, por fatalidade, prevaleceu sempre e o sindicato fica apenas o órgão mesquinho de aumento de salário, sem ambição para mais elevadas conquistas, para mais ousadas iniciativas.

Contra o que se esperava, o sindicalismo não foi capaz de evitar a guerra nem opor-lhe ao menos a fúria mais comoda da sabotagem da resistência passiva. A oficina colaborou na hecatombe. Deu-lhe o opo e deu-lhe a alma: deu-lhe milhões de trabalhadores e deu-lhe as máquinas, os engenhos, os canhões e as granadas. E foram lá longe os esforços dos idealistas, dos políticos, desses políticos tão desdenhados dos sindicatos que hastearam a bandeira vermelha da Revolução social e abriram o caminho à sociedade nova. O operário que não tinha ido na Rússia para actuar como sindicalista encontrou-a por fora para actuar como político, porque foi o partido socialista operário e não a organização sindical russa que fez a Revolução. Daqui a lição de que o trabalhador deve estar no sindicato—orgão económico, exclusivamente como profissional e produtor, e no partido—orgão político, como cidadão e revolucionário. No sindicato estudará a organização do trabalho, o aperfeiçoamento da técnica e da produção e ocupar-se-há dos interesses como assalariado; no partido olhará de frente o problema social em toda a sua complexidade e tentará resolvê-lo não de pinto interesse de classe mas sob o ponto de vista humano.

O sindicalismo, reconheceu-o hoje a pratica, é muito exclusivo e de predomina um apalariado espírito de classe. O seu alheamento sistematico degradou-o socialmente. E' preciso que o operariado rompa a tradição de subalternidade que a abstenção politica tem concorrido para agravar. O operariado é para as oligarquias dirigentes uma massa depressivel e um factor secundario na politica dum nação porque não se serve dos seus direitos politicos—como outrora os escravos, podendo mesmo afirmar que este alheamento civico do operariado dá a homens de estado a ilusão de que ele não possui realmente os direitos dos outros cidadãos e é duma raça degradada e inferior. O homem de estado só concebe a existencia da classe operaria na humilhante ilusão de pedir. O operariado é para ele—uma mão estendida. Se pede a termos manda-lhe os seus secretarios e ás vezes os seus continuos. É impertinente mandá-lo exortar pela policia. Mas no dia em que o operariado não lhe appareça á porta do seu ministerio em comissões de

MILITANTES COMUNISTAS

Com a fundação do Partido comunista tem-se levantado grande discussão a propósito da sua necessidade e existencia dentro e fóra da organização sindical.

Muitos camaradas convencidos da necessidade d'elle, tem por sua vez manifestado publicamente a sua opinião, louvando a realisação duma ideia que teve e tem por fim unificar os trabalhadores numa frente unica revolucionaria.

Muitos há tambem que esperam pela educação para a revolução social, não se lembrando, porém, que depois do povo estar educado, estava desde esse momento emancipado completamente. A impossibilidade de chegar a conseguir este objectivo, é que nos levou a pensar assim.

Podem dizer-nos que estamos enganados, mas o que é certo é que há muitos seculos que se tem esboçado tentativas de libertação com instrução ou sem ella e ainda nada se tem conseguido.

Outros há, que discordando destas e doutrinas infantis, procuram no isolamento das suas inconsequencias fustas, a satisfação do seu indiferentismo. Houve até quem que manifestou o seu horror (?) pela III Internacional e pela ditadura do Proletariado, como se isto fosse contrario ás possibilidades revolucionarias da nossa época.

Que lamentáveis incoerencias em cerebros tão cultivados e livres pensadores!... Não é verdade que é a organização sindical e popular, armada fortemente, que hade fazer baquear os tiranos? Não será precisa a violencia autoritaria do povo armado contra elles?

Pois se assim é, quem ousará negar a necessidade duma ditadura de ferro e fogo, imposta necessariamente contra os inimigos da proxima revolução?

Para aquele que observa atentamente a evolução psicologica do nosso meio anarquista, não deixará de ver os sintomas morbidos duma

decadencia ou cobardia mental que se tem exteriorizado tipicamente num multismo impensavel, confundido numa indifferença marmorea. Encetados hermeticamente no dogmatismo dos seus e nesses principios, já não se lembram do direito de pensar e criticar livremente os novos metodos de luta, que o presente nos tem demonstrado.

Se as nossas opiniões são falsas e erroneas, ainda podemos e devemos rectifica-las se tal for preciso. A verdade de hoje pode ser a mentira d'amanhã e vice-versa. Aquelles que julgam que estamos equivocados, devem contrapor as suas ás nossas demonstrações, cara a cara, frente a frente.

Não recusamos a controversia e a livre discussão, para chegarmos a conclusões praticas e definitivas, porque o amanhã da revolução nos ha-de trazer grandes surpresas. Entre os militantes comunistas e anarquistas deve haver a mais rigorosa unidade de vistas, pois dentro da organização sindical não se pode consentir por mais tempo a confusão que se tem espalhado entre o operariado. Todos somos comunistas mais ou menos libertarios, visitas mais ou menos libertarios, porisso as divergencias que surgiram ultimamente entre os militantes operarios tem que desaparecer já que as nossas ideias tem por fim libertar a Humanidade.

E' necessario que todos os operarios vejam e observem a acção desenvolvida dentro dos sindicatos pelos comunistas, para que se acabe de vez com as lutas pessoais que só prejudicam a honra da organização.

O operariado vai ver brevemente nos futuros congressos a obra realizada pelos seus orientadores, e all poderá ver o resultado da nossa propaganda comunista.

Portanto todos os militantes devem estar alertas empregando todos os seus esforços para a unificação do proletariado Revolucionario.

JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA.

chapeu na mão, mas se erga diante d'elle, de cabeça erguida na plena posse e com a arma dos seus direitos politicos; no dia em que o homem de estado reconhecer que tem diante de si, nos redutos que até aqui julga exclusivamente seus, o cidadão com direito a exigir e não pedir, o seu igual e não o pobre diabo do operario que pede protecção, nesse dia a situação modificar-se-ha e a dignidade operaria ter-se-ha imposto e feito valer. Veja-se o que succede na Inglaterra onde a opinião operaria é acatada e respeitada, como na questão russa e nas greves. Lloyd George não toma determinadas resoluções sem consultar a representação trabalhista parlamentar.

Demonstrada e bem demonstrada pela pratica a insuficiencia revolucionaria da acção sindical, necessario é recorrer a uma acção politica, a uma acção de partido. Não somos nós os unicos a dizê-lo; e precisamente porque não temos o orgulho da opinião formada nem a intolerancia fanatica do dogma é que acatamos as lições da experiencia e a palavra autorizada dos que sabem mais e dos que vêem melhor do que nós.

Os melhores militantes do sindicalismo revolucionario francez são hoje comunistas. As federações operarias mais reitidamente sindicalizadas revolucionarias são sympathicas ao comunismo como o demonstra a adesão a Moscov em seus congressos. O que fica no sindicalismo francez depois da scisão é apatia, ambigüidade, burocratismo, o peso morto que forma o numero e a quantidade. O espirito de Revolução fôr-se.

O Partido Comunista Português, respeitando e preconizando a organização sindical de que tantos componentes seus fazem parte, mas recorrendo que a sua acção é insufficiente e incompleta para a emancipação integral, convida o operariado e as massas proletarias em geral a fazerem a sua iniciativa politica alistando-se como homens livres, na legião dos que estão dispostos a combater sem tréguas pela acção directa e sob todas as formas de luta, para que a Revolução social seja em breve uma realidade.

CONTRA A LIBERDADE DE PENSAMENTO

A Ferros da Republica

Na cadeia do Limoeiro e no Forte do S. Julião da Barra jazem 12 jovens comunistas

Ninguém que meditantemente, que seja, compeça, acerca do movimento social internacionalmente organizado, ignora que funciona na Alemanha, com sede em Berlim a Internacional das Juventudes Comunistas, organismo em intima ligação com a 3.ª Internacional.

A quando da criação das Juventudes Comunistas, entre nós, estas puderam-se muito naturalmente em contacto com a sua internacional com a qual, de resto, já de ha muito estavam em relações as Juventudes Socialistas que naquelas se fundiram.

Mocidade ardente, de sangue nobre, e generoso, a Internacional de Berlim, tem desenvolvido, sobre tudo nos países da Europa central uma intensissima propaganda fundamentalmente tem marcado o que de todos os meios de publicidade há lançado mão; o espectáculo, a conferencia, a sessão de propaganda, o comício — a folha solta, o manifesto, o panfleto, o bilhete postal, etc.

De vez em quando usa promover o Comité Executivo de Berlim a realização de dias e semanas internacionais de propaganda e foi precisamente a fecundação de uma dessas semanas, entre nós que motivou a detenção dos nossos presos.

Limitou-se a propaganda aqui á distribuição de uns simples manifestos doutrinaarios e á affixação de uns cartazes enviados da Alemanha e escrito em francez. Mas porque estes eram impressos a vermelho, a cor é certo do sangue dos demprios das revoltas mas também a tradicional cor que dos toiros despecta as iras, a arguta policia incapaz de traduzir o francez, embirrou com o vermelho. E vá de prender os jornais.

Esta Republica de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sifilizada da ramaria, que nos braços da Reacção está calando e canhão torpe e hediondo, que só causa asco e só produz vomitos e que nos moreços a quem a sua cega e só mas trevas vivem. Incapaz de fitar o sol da Verdade, abriga-se sob a negritude de uma roupeta.

E é por isso que ela prende os jovens comunistas e nas prisões os conserva, em arbitria violencia, contra os mais rudimentares principios das garantias individuais, mesmo numa democracia só para satisfação do seu baixo odio, aquele baixo odio que os seres mesquinhos tem sempre pelo Belo que detestam porque o não comprehendem.

Deste reducto de guerra, «O Comunista» lança á face dos opressores o seu grito de revolta em favor dos oprimidos, victimas de mais uma indolencia da Republica burguesa e reaccionaria.

TRABALHADORES, LÊ
O COMU.